

92ª CRIAÇÃO DO

TRIGO LIMPO
teatro



COM PARTICIPAÇÃO ESPECIAL DE



PARA A

FEIRA
SÃO MATEUS®



ENTIDADE PROMOTORA



câmara municipal de viseu

ORGANIZAÇÃO



XPOVIS
promoção e eventos, lda.

Voar Se brinca em feira com asas

Mais uma criação artística do Trigo Limpo teatro ACERT em ano de celebração dos 35 anos.

Um projecto criado propositadamente para a Feira de S. Mateus que o acolhe. Uma aventura teatro-musical com engenhos cénicos que, num Golpe d'Asa, nascerão na folia da Feira que, desde 1392, constitui um dos maiores acontecimentos congéneres de Portugal. Seiscentos e dezanove anos depois, a Feira vai voar num carrossel de animação, demonstrando que a cultura e a arte são áreas com um papel determinante no cruzamento entre tradição e modernidade. A equipa do Trigo Limpo teatro ACERT celebra um namoro artístico com duas dinâmicas associações do Distrito, Tribal e ZunZum, numa conjugação de sinergias criativas que pretendem corresponder ao anseio da Direcção da Feira em projectar o acontecimento com inovação.

De 14 de Agosto a 18 de Setembro,
espectáculos aos sábados e domingos
às 20:30h. Também no dia de
encerramento 21 de Setembro,
quarta-feira.

Um tributo à ARTE de FABRICAR BRINQUEDOS

TRIGO LIMPO
teatro



FEIRA
SÃO MATEUS

Porque o brinquedo artesanal é indissociável da Feira de S. Mateus.

Porque a Feira é também lugar de memórias, de desejos de meninos e de adultos que, visitando-a, também eram meninos na alegria, no faz de conta, com que rastejavam tristezas.

Porque os artesãos de sonhos e maravilhas são os legítimos construtores de imaginários que povoam memórias.

Por tudo isto, encontramos o Senhor Manuel Rocha Ferreira, em Alfena. Quisemos fazer um tributo que, mais que pessoal, traduz simbolicamente todo o universo de outros artesãos, que marcaram a história dos brinquedos tradicionais portugueses que encantam gerações e que não desaparecem com o correr do tempo.

Agradecemos à sua esposa, Juliana Martins e à sua filha Ana Rocha, pela forma amável com que nos disponibilizaram o fruto duma arte, através da cedência das peças que fotografamos, dos recortes de jornal e dos excertos de livros, onde é explicada uma história criativa de uma imensa humanidade. Deixamos para Helder Pacheco, investigador, escritor e cronista com vastos e profundos estudos sobre artes e tradições de Portugal, as honras de apresentação de tão importante artista e da sua arte de fabricar brinquedos que falam português.



Manuel Rocha
Magiar sonhos ainda compensa...

“O Senhor Manuel Rocha Ferreiro é um Mago. Faz ciclistas, pombas, carros de bebé e de bois, andarilhos e relas. Em madeira de pinho pintadas de cores berrantes — ahl, mas estas berrarias são lindas. O senhor Manuel — ou não fosse fabricante de sonhos e mágicos brinquedos animados, sonoros, falando português — é um homem tranquilo, portista dos quatro costados, como se vê pelas fotografias dos campeões rivalizando com santos e calendários. Trabalha na arte há [muitos] anos ajudado pelas irmãs, D. Florinda e D. Cândida (e a mulher e o resto da família, quando lhe encomendam passara aos centos), “vende milhares por ano”. Por onde voam? Certamente por dentro de nós, nas recordações de pequenos, naquele cavalo e nos bois de focinho amável. Lembra-se? E o ciclista a bater a campainha? (...)”

Helder Pacheco, in “O Grande Porto” — 1986



Fotografia dos brinquedos tradicionais: Foto RAF © Tondela

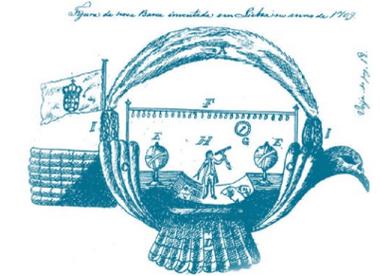
Nos séculos XVI e XVIII, dois portugueses sonharam e experimentaram voar... João Torto com asas e o Padre Bartolomeu de Gusmão numa Passarola Voadora.



João Torto, Viseu

20 de Junho de 1540. Em Viseu, um enfermeiro do Hospital de S. Teotónio, barbeiro, astrólogo e mestre de primeiras letras, anuncia que vai voar, com asas, da Torre da Sé. Se pensou em tal aventura, melhor a fez. Montou duas asas de pano e adaptou-as aos braços com argolas de ferro e chumaços de trapos. Todo um cuidado e estudado sistema fazia parte do seu dispositivo para planar. Nem um capacete em feição de cabeça de pássaro foi esquecido. Ao momento da descolagem, ocorreu numerosa assistência. João Torto, sem esperar ordens da torre de controle, lançou-se nos ares e descolou. Planou por instantes, mas uma das asas traiu o piloto/avião que, em aterragem forçada e acrobática, se despenhou aparatosamente junto à Capela de S. Luis. João Torto e o seu engenho voador despedaçaram-se e, se a morte não bateu logo à porta do “aviadão”, não lhe poupou a vida logo de seguida. Terão os estudos de Leonardo da Vinci influenciado este sonho de voar? Ficção ou realidade? A verdade é que ainda hoje se conta e não há fumo sem fogo, ou melhor, não há sonhos sem asas.

Inspirado no texto do site do Museu do Ar



Padre Bartolomeu de Gusmão

No século XVI, Leonardo da Vinci, desenhou a primeira máquina voadora.

Em Portugal, dois séculos depois, o padre e cientista Bartolomeu de Gusmão dá um passo decisivo para a história da aviação, inventando, em 1709, um engenho de voar (aeróstato). Acreditou na ciência e na inteligência do homem para a fazer evoluir. A Passarola Voadora já com tripulação planou os ares de Lisboa e percorreu cerca de um quilómetro. “O Padre Voador”, como passou a ser chamado, viu-se obrigado a sair de Portugal para fugir às malhas da Inquisição, embora a amizade com D. João V procurasse poupá-lo a tal perseguição.

Mais um audacioso português que, tendo a ciência como aliada, voou para além das leis, duma realidade que julgava poder embarcar a imaginação criativa.

DIÁRIO DE UM CICLISTA E DE UMA POMBINHA

Largava de casa em direcção à feira de S. Mateus. Pedalava montado na minha bicicleta de madeira, enquanto camionetas de pinho com carroçarias forradas de gentinha da minha aldeia, balançavam a caminho da festa. Meu pai guiava-me com mão firme no eixo, impedindo-me de tombar por falta de equilíbrio. Meu tio, o taxista mais famoso das minhas bandas — distinto por dar boleia a pipos, rolos de madeira e feixes de videira — fazia o mesmo com a sua Pomba Marquitas, impedindo-a que se quedasse em conversas com os Pombos-Correio que, amiúdas vezes, lhe distribuíam cartas inflamadas de amorosos voos por outros continentes.

E lá iam os dois, com nossos progenitores conduzidos a caminho da romaria que, como me contaram, já era feira desde 1392, num tempo em que Portugal era governado pelo D. João I — aquele que não gostava nada de espanhóis — e que fez nascer o filho Duarte numa maternidade da cidade, enquanto nós víamos a luz do dia pela Pata-Muda, parteira especializada na arte de parir enquanto o diabo esfrega um olho.

Por toda a parte por onde passávamos, a gentinha saía à rua para dar gritos de estímulo:

— *Força, Ciclista de Madeira!* — chamavam-me assim, por não saberem o meu nome próprio.

— *Força, Pombinha sem anilha!* — chamavam-na assim, por não lhe verem aliança

de matrimónio no rodado.

O bater de asas dela arejava-me a pedalada custosa. O meu tilintar permitia-lhe um bater de asas elegante de moça gaiteira. Havia até gente que achava termos sido feitos um para o outro.

Chegados à Feira de S. Mateus, meu pai e meu tio, aguçavam o faro perdigueiro. O sítio das barricadas das enguias era poiso de estacionamento permanente. A mim e à Pombinha, deixavam-nos fora dos eixos, numa barraca de feirante, entre figuras estáticas de homens barbudos fazendo manguito

“Queres fiado, toma”, Santos e Santas com ar tão sisudo que nem pareciam estar na festa, cães de louça hirtos para desguardarem os jardins e demais criaturas que não se mexiam nem quando uma abelha lhes espetava o ferrão. Devo dizer que apenas simpatizava com um frade careca que tinha uma guita que, quando lhe puxavam, empunhava arma vigorosa que, até a mim, me fazia corar.

Ali estávamos apenas alegres quando a mão de meninos nos acarinhava, fazendo-nos girar em rodopio, dando asas

à imaginação. Queriam-nos para sua companhia, ainda que alguns dos pais os tentassem demover, prometendo-lhes em troca voltas em carrosséis de girafas, tigres e elefantes africanos, embalsamados pelo frio da Beira Alta.



Mas os miúdos, teimosamente, não nos largavam a trela de pinho e choravam e clamavam por lhes estarem a aferrolhar o direito de brincar.

— Queremos levar o Ciclista e a Pombinha!

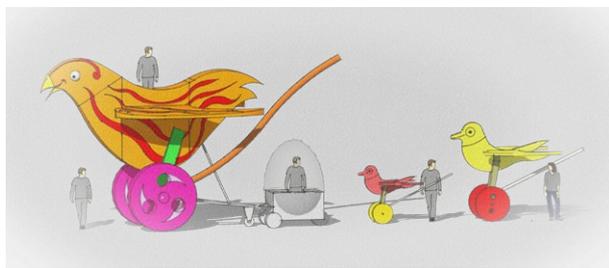
E assim, viajávamos para casas distintas e humildes, zigzagueando de mão em mão e de imaginação em riste.

Nunca mais enxergámos o meu pai e o meu tio. A Pombinha, entretanto já minha esposa, com dois ovinhos no ninho prestes a nascer, disse-me que tinha sobrevoado o local e que eles ainda lá estavam a marcar lugar, no mesmo banquinho de tábuas corridas, até que S. Mateus se resolvesse a abrir a feira do próximo ano.



E nós, Ciclista e Pombinha, apesar de se pensar que estamos remetidos à museologia da memória, pela invasão impessoal informatizada, continuamos vivos a comprovar — como todos aqueles que imbuídos do espírito imaginativo e aventureiro de João Torto —, que “A Voar se Brinca em Feira com Asas”, zru!

sobre o espectáculo



Uma Pomba Gigante vem à Feira de S. Mateus festejar. Num Golpe d'Asa surpreende a Fanfarra Columbina e os Feirantes que vendem imaginação ao desbarato que, a seu ver, é uma poção mágica para tempos de crise.

Tamanha aparição, sendo inesperada, cedo se mostra indispensável para fazer voar ideias, descobertas e melodias.

A Pomba Gigante põe ovos de criatividade que passam de mão em mão entre os visitantes. São maciços para que cada um choque os ovos no ninho que constrói de modo a não poder dizer: "A galinha da minha vizinha é melhor do que a minha", nem "contar com o ovo no cu da galinha (Pomba)".

O (P)ovo entra em euforia perante o acto insólito da Pomba Grande fazer criação ali mesmo, na Feira, de forma pública. Dois filhotes nascem e iniciam o voo por entre farturas, carinhos de choque, algodão doce, vinho do Dão e bifanas. Sim, porque os recém-nascidos preferem as iguarias regionais, pois sabem que "o primeiro milho é para os pardais" e não para columbófilas criaturas.

Os Feirantes e Fanfarra maravilham os forasteiros com a magia sonora dos seus inventos. Têm soluções imaginativas que receitam e põe à disposição de todas as bolsas. Sim, porque a imaginação não paga IVA. À fome dão farturas, porque "as tristezas não pagam dívidas" e o "barco parado não faz viagem" mesmo sabendo que "as aves de rapina não cantam" e que há que estar atento, pois "palavras, leva-as o vento".

À frente, João Torto, demonstra a arte de voar. Os aprendizes não se importam com os primeiros tombos. A experiência ganham-na, pisando o seu próprio chão. Os pombos invadem a Feira e arrulham com as suas melodias suaves. Os Feirantes saldram imaginações e demonstram à risca as instruções de Platão: "É possível descobrir mais sobre uma pessoa numa hora de brincadeira, do que num ano de conversa".

Por isso, Feirantes, Fanfarra, João Torto e as três Pombas acreditam e comprovam que "A Voar se brinca em Feira com Asas".

TRIGO LIMPO teatro ACERT, 35 ANOS a FABRICAR SONHOS!

365
ACERT
um ano a celebrar
trinta e cinco

O Trigo Limpo teatro ACERT, desde a sua formação, em 1976, tem desenvolvido ao longo do seu percurso — para além de inúmeras criações de sala — uma vertente de criação teatral de rua, eminentemente marcada pela envolvente comunitária do trabalho global da Associação Cultural e Recreativa de Tondela.

Paralelamente ao Judas (espectáculo anual com mais de 200 participantes), o Trigo Limpo teatro ACERT realiza, regularmente, criações teatrais de rua de que são exemplos marcantes: "Os Cavaleiros" (1990), "Brincando com o Fogo", (1993), "Faldum" (1996), "Augaiar" (1999), "Transviriato", "Num Abril e Fechar d'Olhos" (2004) e "Em Paz" (2006).

Há, no entanto, uma experiência criativa catalisadora de toda esta actividade teatral: "Memoriar", máquina de cena participante na Peregrinação da EXPO'98 e Expo Hannover 2000. O "agigantar" do "Ciclista" brinquedo tradicional de madeira.

Em 2008, o agigantar um outro brinquedo tradicional — a Pombinha —, engenho cénico "Golpe d'Asa" que se apresentou na EXPO Saragoça'08.

Em 2009, o Trigo Limpo teatro ACERT em co-produção com o Centro de Criação para o Teatro e Artes de Rua/Festival Imaginarius, de Santa Maria da Feira, construiu mais um engenho cénico em madeira, baseado na figura do Pinóquio: "A Fantástica Aventura de uma Criança Chamada Pinóquio".

Quase uma centena de espectáculos estreados, digressões por todo o território nacional e muitos países do mundo, a par da dinamização artística e comunitária do Novo Ciclo ACERT, marcam distintivamente o Trigo Limpo teatro ACERT no panorama teatral português.



FEIRA SÃO MATEUS®



Símbolo de Viseu

Um compromisso entre a tradição e a modernidade.
Um agarrar de oportunidades culturais, económicas e sociais, criando uma marca que exhiba uma região.

Uma das memórias mais antigas dos viseenses, esta feira foi mantendo, ao longo dos séculos, uma enorme capacidade de adaptação aos novos tempos e circunstâncias, sendo hoje uma marca fundamental da cidade, da região e do país.

São 619 anos. Um tempo longo de histórias de homens e de homens com história. Se navegarmos nesta imensidão de anos, descobrimos tudo o que a Feira de S. Mateus foi e é: tempo de paz e concórdia, ocasião para o convívio e o encontro com gentes de diferentes culturas e gerações, oportunidade para o comércio, momento único para a festa, em manifestações ao gosto da diversidade de públicos que a demandam.

É nosso firme objectivo dar atenção à vida cultural da cidade e da região, fazendo confluír na Feira, criações artísticas de organizações locais. É imperioso dar espaço à produção artística pluridisciplinar dos criadores e organizações culturais da região, sublinhando a importância da Feira de S. Mateus passar a ser uma montra do talento artístico de Viseu.

José Moreira Amaral

Gerente Executivo da Expovis

Espectáculo do Trigo Limpo teatro ACERT criado especialmente para a Feira de S. Mateus 2011

Participação Especial: Tribal e Zunzum

Ficha Artística e Técnica

Direcção Artística e Dramaturgia — José Rui Martins

Actores, Maquinistas e Técnicos — Ana Morgado, Cajó Viegas, Carlos Fernandes, Christian Santos, Daniela Fernandes, Francisca Barros, Inês Roque, Ilda Teixeira, Ilsa Rodrigues, Joana Sevivas, João Nascimento, José Magalhães, José Rui Martins, Lúcia Roque, Luís Viegas, Márcia Leite, Miguel Torres, Paulo Neto, Paulo Matos, Pompeu José, Rafaela Vidal, Raquel Costa, Rogério Bento, Rui Pêva, Rui Ribeiro, Ruy Malheiro, Sandra Santos e Victor Rodrigues.

Música — Rui Lúcio

Músicos — Fek (Trombone), João Vilão (Trompete), Rodrigo Cordeiro (Percussão), Tiago Correia (Saxofone) e Tiago Mendes (Trombone).

Cenografia e design gráfico — Zetavares

Mecânica Cenográfica — Manuel Matos Silva

Construção de mecanismos — Manuel Matos Silva e Rui Ribeiro

Oficinas — Escola Profissional de Tondela

Carpintaria — Carmoserra e António Rebelo do Amaral

Pintura cenográfica — Cláudia Barata e Piorra

Recolha e adaptação de textos — José Rui Martins

Figurinos — Ruy Malheiro | Trigo Limpo teatro ACERT

Costureira — Lurdes Pereira da Silva

Fotografia — Carlos Teles, Foto RAF

Video — Zito Marques

Sonorização — Publiferrão

Secretariado e Gestão — Irene Pais, Paula Pereira, Rosa Marques e Rui Vale

Produção Geral — Marta Costa e Miguel Torres

Produção EXPOVIS — Paula Soares

Agradecimentos — Ana Pires, Ana Rocha, Juliana Martins, Manuel da Rocha Ferreira, Carlos Mendonça, Miguel Rodrigues, José Carlos Coimbra e Tondagro.



Vamos voar com o Trigo Limpo teatro ACERT e a TRIBAL, celebrando uma partilha com paixão. Uma andança teatral especial que representa para nós a importância da cooperação artística.

ZUNZUM



Pela mão criativa e inspiradora do Trigo Limpo teatro ACERT, chegou-nos o desafio de viajar, conjuntamente, com a ZUNZUM, numa nova produção cénica. A participação do TRIBAL (Grupo de Teatro de Passos de Silgueiros) neste espectáculo, não poderia ser mais honrosa e gratificante, depois de tantas participações em outras realizações e palcos viseenses.

Unindo desejos, faremos nascer crias que, na Feira, procurarão fazer o público voar. Sobrevoar em diversão e fantasia. Viseu já merecia! Viseu vai ter!

TRIBAL

TRIGO LIMPO teatro ACERT

Rua Dr. Ricardo Mota
Apartado 118 · 3461-909 Tondela
t: 232 814 400 · www.acert.pt/trigolimpo

ESTRUTURA APOIADA POR



APOIO



TRIGO LIMPO
teatro

